

SOCIEDADE EDUCATIVA E CULTURAL AMÉLIA LTDA – SECAL

IZABELLE ANTUNES CASTELARI

**DEPENDÊNCIA QUÍMICA E JORNALISMO ESPECIALIZADO: UMA
ANÁLISE SOBRE TERMOS UTILIZADOS NAS MATÉRIAS IMPRESSAS DO
JORNAL O GLOBO**

**PONTA GROSSA
2023**

IZABELLE ANTUNES CASTELARI

**DEPENDÊNCIA QUÍMICA E JORNALISMO ESPECIALIZADO: UMA
ANÁLISE SOBRE TERMOS UTILIZADOS NAS MATÉRIAS IMPRESSAS DO
JORNAL O GLOBO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como critério parcial de avaliação do 2º Bimestre da Disciplina de TCC, da Sociedade Educativa e Cultural Amélia Ltda - SECAL.

Orientadora Ligiane Malfatti.

**PONTA
GROSSA 2023**

IZABELLE ANTUNES CASTELARI

**DEPENDÊNCIA QUÍMICA E JORNALISMO ESPECIALIZADO: UMA ANÁLISE
SOBRE TERMOS UTILIZADOS NAS MATÉRIAS IMPRESSAS DO JORNAL O
GLOBO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Sociedade Educativa e
Cultural Amélia Ltda - SECAL.

Banca Examinadora:

Prof^a. Orientadora Ligiane Malfatti
Sociedade Educativa e Cultural Amélia Ltda.

Prof. Helton Costa
Sociedade Educativa e Cultural Amélia Ltda.

Hurlan Jesus Maciel de Lara

Ponta Grossa, 05 de julho de 2023.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 DEPENDÊNCIA QUÍMICA.....	6
3 JORNALISMO ESPECIALIZADO	11
4 ANÁLISE SOBRE RETRATO DA DEPENDÊNCIA QUÍMICA NAS MATÉRIAS IMPRESSAS DO JORNAL O GLOBO	13
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
REFERÊNCIAS.....	20

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar a abordagem do jornal impresso 'O Globo' sobre a questão da dependência química em suas matérias. Busca-se problematizar e debater essa temática, explorando como o jornal trata o assunto e quais perspectivas são apresentadas. Além de trazer um contexto teórico referente a dependência química e o jornalismo especializado. Ao ampliar o debate sobre essa temática, espera-se contribuir para uma cobertura jornalística mais informada, inclusiva e consciente sobre a dependência química.

Palavras-chave: Dependência química; Jornalismo Especializado; Jornal Impresso

INTRODUÇÃO

Analisar o início da utilização de substâncias psicoativas (SPA), é regressar no tempo e na história, uma vez que os primeiros relatos de uso datam o início da história humana. As relações de dependência são estabelecidas com pessoas, situações e objetos ao longo da vida. Algumas dependências são inofensivas, enquanto outras são perigosas, como a dependência química.

A dependência química é caracterizada pelo impulso contínuo ou periódico de usar drogas para obter prazer ou aliviar tensões e ansiedades, é uma doença crônica que afeta o cérebro e o comportamento das pessoas. Ela resulta em mudanças químicas que levam a comportamentos compulsivos e dificuldades em controlar o uso da substância.

As mais comuns que causam dependência são álcool, tabaco, maconha, cocaína, crack, opioides³ e anfetaminas⁴. A dependência química pode afetar qualquer pessoa, independentemente de idade, gênero, raça ou classe social.

Apesar de ser considerada doença, ela está fortemente ligada a questões morais, religiosas e sociais. O uso de drogas afeta o ser humano em sua totalidade, gerando efeitos físicos, psicológicos e o afetando socialmente. Tudo isso, costuma ser carregado de preconceito e estigma.

Dentre de todo esse imbróglio que envolve a questão das drogas, está o jornalismo, com sua função social, de comunicar e que, diariamente, trabalha com informações que envolvem o uso de drogas e dependentes químicos, através do jornalismo especializado.

O jornalismo especializado é uma ramificação que se dedica a cobrir assuntos específicos para determinados públicos, aprofunda o conhecimento e transmite informações abrangentes de forma extensiva, além de atender e acompanhar às necessidades sociais, tecnológicas, educacionais, entre outros.

Este trabalho de conclusão de curso foi pensado a partir da experiência do trabalho com dependentes químicos e do contato com o jornalismo diário, através do estágio curricular obrigatório realizado em um portal de notícias na cidade de Ponta Grossa, PR. Foi possível observar que nem sempre é desenvolvida a função social do jornalismo especializado, de informar e trazer aspectos que construam o conhecimento, desprezando o estigma e o preconceito relacionados às questões que permeiam e envolvem a dependência de álcool e/ou outras drogas.

Ao oposto disso, muitas vezes o desenvolvimento das matérias reforça ainda mais o estigma e o preconceito que abarca o universo das drogas e os dependentes químicos. Por isso, essa pesquisa tem por objetivo analisar como o jornal impresso aborda a temática.

O universo escolhido foi o jornal 'O Globo', por sua relevância e credibilidade. O período a ser pesquisado é o início do isolamento social da COVID-19 no Brasil, com início em 11 de março de 2020, até o fim da emergência sanitária global, em 05 de maio de 2023. Período em que a pesquisa por questões de saúde ficaram em evidência, decorrente do período de pandemia.

O método de pesquisa escolhido para esse trabalho foi a combinação do qualitativo e quantitativo, que Segundo Minayo (2004) busca uma compreensão mais completa e profunda do fenômeno que está sendo estudado.

Minayo (2004) aponta que a pesquisa quantitativa utiliza uma metodologia baseada em números, métricas e cálculos, enquanto a pesquisa qualitativa, baseia-se no caráter subjetivo. Essa junção confere maior validade e confiabilidade aos resultados, pois são aplicados diferentes métodos e abordagens para investigar o mesmo fenômeno.

2 DEPENDÊNCIA QUÍMICA

A utilização de substâncias psicoativas é uma prática que remonta aos primórdios da história da humanidade. Desde o início da vida, as pessoas estabelecem relações de dependência com pessoas, situações e objetos. Algumas dessas dependências são inofensivas e até importantes para o desenvolvimento humano, enquanto outras são perigosas e prejudiciais, como no caso da dependência química.

Segundo a Secretária Nacional Antidrogas – SENAD dependência química: “[...] é o impulso que leva a pessoa a usar uma droga de forma contínua ou periódica para obter prazer. [...] aliviar tensões, ansiedades, medos, sensações físicas desagradáveis etc”. (SENAD, 2001, p.14)

A necessidade de consumir drogas varia de acordo com o tempo e o ambiente em que as pessoas se encontram. A legalidade das substâncias pode variar de acordo com o tempo e a cultura, em uma interação complexa entre consumidores, população, regimes governamentais e mercado.

A dependência química é uma doença crônica que caracteriza-se por mudanças químicas que podem levar a comportamentos compulsivos e dificuldades em controlar o uso da substância. Além disso, pode causar alterações no humor, na percepção sensorial, na memória e na coordenação motora (NIDA, 2020).

A Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP, 2018) define a dependência química como um conjunto de sintomas que incluem a tolerância, ou seja, a necessidade de doses cada vez maiores para obter os mesmos efeitos; a abstinência, que se refere a sintomas físicos e psicológicos desagradáveis que ocorrem quando se interrompe o uso; a perda de controle, a incapacidade de parar de usar mesmo que se queira; e a compulsão, que é um desejo intenso e incontrolável de usar a substância.

Segundo a ABP (2018), as substâncias mais comuns que causam dependência química são álcool, tabaco, maconha, cocaína, crack, opioides e anfetaminas. A dependência química pode afetar qualquer pessoa, independentemente da idade, gênero, raça ou classe social.

2.1 Histórico da dependência química

De acordo com a Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD, 2011), o uso de substâncias psicoativas (SPA) remonta à Idade Antiga (4000 a.C. a 3500 a.C.) quando plantas, vinhos, cervejas e cogumelos eram utilizados para amenizar a dor e para rituais sagrados e cerimônias que proporcionavam experiências místicas.

Naquela época, o uso de drogas não era considerado uma ameaça aos indivíduos ou à sociedade, mas fazia parte dos rituais. Na América Latina, acredita-se que o uso de SPA tenha começado no início do ano 1000 d.C., sendo a coca a substância mais utilizada. Para Silva (2013):

Na América pré-colombiana, astecas, maias e outras civilizações indígenas já utilizavam para fins religiosos, cerimoniais e medicinais, pelo menos desde o ano 1000 d.C., ampla variedade de plantas alcaloides. A coca, originária dos Andes, desempenhava um papel central na vida das comunidades do Altiplano no Peru e na Bolívia. Seu uso era geralmente restrito a tradições culturais, sendo raro ou inexistente o consumo recreativo. Durante a dominação hispânica, a administração colonial estimulou o consumo da folha por trabalhadores andinos, como forma de dar-lhes mais energia e compensar a má nutrição. Ao longo do período colonial, portanto, o hábito da mastigação de coca – o coqueo – expandiu-se entre camponeses peruanos e bolivianos, começando a planta a ser comercialmente explorada pela primeira vez. (SILVA, 2013, p.56)

Durante a Idade Média (século V ao XIV), quando a Igreja assumiu o poder, o conhecimento sobre o uso de plantas e rituais foi considerado herético e associado à bruxaria. No entanto, com a expansão do comércio e da economia, surgiu o Renascimento Cultural, inspirado na Antiguidade Clássica e no Antropocentrismo, destacando o uso de drogas como substâncias terapêuticas e considerando os valores pagãos.

De acordo com Avelino (2010), entre os séculos XIV e XVI, a botânica diversificada dos países colonizados passou a ser estudada pelos países colonizadores, permitindo a descoberta de novas drogas e sua introdução na Europa. É importante ressaltar que a Revolução Industrial teve um grande impacto nesse movimento e no uso e abuso do álcool. Sendo considerado:

[...] um cenário de importantes mudanças sociais e comerciais, marcado, sobretudo, pela transição do modelo artesanal de trabalho para o modelo industrial de produção em série, com intensa exploração do trabalhador, baixos salários e condições subumanas de produção. É nesse período que o álcool adquire um papel importante, no momento em que passa a ser usado de forma abusiva por operários, como forma de lenitivo para as péssimas condições de trabalho e de vida na época. (NIEL, 2011, p.140)

Durante o mesmo período, grandes potências como a Inglaterra, Holanda e França expandiram seu poder para o continente asiático, especialmente na Índia, onde o ópio era amplamente produzido. No entanto, a China insistia em controlar questões relacionadas ao comércio de outros países e, sob pressão, fechou suas portas ao comércio de drogas, o que levou a duas Guerras do Ópio. A Inglaterra emergiu vitoriosa nas duas guerras, o que determinou a abertura do comércio de ópio e dos portos para este comércio (AVELINO, 2010).

Acredita-se que a partir do ópio - com a intensa divulgação - observou-se em um âmbito mundial o aumento da utilização do princípio ativo de diversas plantas, “entre eles a morfina, um dos alcaloides do ópio no ano de 1806, a codeína em 1832, a cocaína em 1860 e a heroína em 1883” (AVELINO, 2010, p. 2).

É importante salientar que essas substâncias foram amplamente incorporadas à área farmacológica e comercializadas em drogarias na América, Europa e Ásia, impulsionando a economia mundial.

Taffarello (2009) destaca que a comercialização do ópio e outras mercadorias na segunda metade do século XIX resultou em crises econômicas simultâneas na China, levando uma parcela da população chinesa a migrar para a Europa, Estados Unidos e Austrália em busca de melhores condições de vida.

No entanto, o deslocamento para esses países resultou em condições precárias de habitação e pobreza, com muitos desses imigrantes vivendo em guetos e periferias, onde o uso do ópio era bastante comum. Segundo Taffarello (2009), esse cenário desencadeou a exclusão e culpabilização da população chinesa usuária do ópio, relacionando-a com a criminalização presente na época.

[...] chineses viviam confinados em guetos onde se criava ambiente propício à proliferação de casas de distribuição de drogas, além de casas de jogos e de prostituição – como, de resto é comum às periferias de centros urbanos. É de supor, pois, que o uso recreativo se espalhava entre eles também por carecerem de quaisquer outros meios de recreação para os momentos em que se vissem fora do trabalho, sendo que era nas casas de jogos, de prostituição e/ou distribuição e consumo de drogas que imigrantes interagiam entre si e com os demais habitantes de seu entorno geográfico. (TAFFARELLO, 2009, p.42)

2.2 Dependência química no século XX e contemporaneidade

No século XX, a dependência química tornou-se uma questão de saúde pública mundial, afetando milhões de pessoas em todo o planeta. Foi o ano em que aconteceu a popularização de SPA e o uso abusivo e dependência química se ampliou significativamente. Também, foi neste século que a dependência química saiu, teoricamente, do rumo moral, passando a ser considerada doença. (Ministério da Saúde, 2010).

Ao longo do século XX, governos de diferentes países implementaram políticas públicas para lidar com a dependência química, desde medidas de prevenção até tratamentos e repressão ao tráfico de drogas. No entanto, a problemática persiste e é considerada um grande desafio à saúde pública global.

Segundo o Relatório Mundial sobre Drogas de 2021, divulgado pelo Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC), cerca de 275 milhões de pessoas no mundo usaram drogas ilícitas pelo menos uma vez em 2010. Além disso, estima-se que 36,3 milhões de pessoas sofrem com transtornos relacionados ao uso de drogas, incluindo a dependência.

Entre os fatores que contribuem para o desenvolvimento da dependência química estão a vulnerabilidade biológica, psicológica e social dos indivíduos, além do acesso fácil às drogas e o uso inadequado de medicamentos prescritos. A dependência química pode ter consequências graves para a saúde física e mental dos usuários, além de afetar seus relacionamentos pessoais e profissionais e a sociedade em geral.

Na contemporaneidade, com o avanço da tecnologia e a globalização, o acesso as drogas se tornou mais fácil, e isso tem contribuído para o aumento do número de dependentes químicos. Além disso, a pandemia de COVID-19 tem exacerbado o problema, já que muitas pessoas se encontram em situações de estresse, isolamento social, medo e ansiedade o que pode levar a um aumento do consumo de substâncias químicas. (UNODOC, 2021)

Um estudo realizado pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) em parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) apontou um aumento de 75% no consumo de álcool durante a pandemia no Brasil. Além disso, a pesquisa revelou um aumento no uso de outras drogas, como maconha e cocaína.

Outro estudo realizado pela Fiocruz mostrou que a pandemia agravou a situação dos usuários de drogas no Brasil, especialmente aqueles que vivem em situação de vulnerabilidade social.

Com o fechamento de muitos serviços de saúde, os usuários de drogas ficaram sem acesso a tratamento e tiveram que recorrer a soluções improvisadas, o que aumentou o risco de overdose e outras complicações.

3 JORNALISMO ESPECIALIZADO

Jornalismo é, por definição, uma prática social voltada para o “contar histórias”. Em seus registros estão os resultados de um testemunho ou de uma investigação, a construção ou reconstrução de um acontecimento ou saber. Dentre as ramificações existentes, está o jornalismo especializado.

Para Carvalho (2007) jornalismo especializado é o conceito para segmentação da notícia: “Informação dirigida à cobertura de assuntos determinados e em função de certos públicos, dando a notícia em caráter específico”. (Carvalho, 2007, p.10)

A especialização de conteúdos decorre da necessidade de aprofundar conhecimentos característicos a uma área do saber e, assim, transmitir satisfatoriamente a matéria jornalística para o público. O jornalista Juarez Bahia (2009) observa que, ao método tradicional de jornalismo é direcionado ao o interesse geral do coletivo, o jornalismo especializado seleciona temas e amplia sua perspectiva, acompanha a mudança social, o surgimento de novas tecnologias e meios de comunicação e a evolução cultural e da ciência. (BAHIA, 2009).

Com isso, o jornalismo especializado se apresenta como uma possibilidade de aperfeiçoar a técnica de transmitir um assunto. Atende igualmente as necessidades sociais e traz aspectos mais profundos aos temas. Atende as necessidades de interesse público, visto que cada vez mais as pessoas buscam por conteúdos e informações que se relacionem e encaixem a sua identidade.

Tavares (2009) observa que a especialização encontra-se atrelada à evolução dos meios e à demanda do público por temas cada vez mais diversificados sobre o cotidiano. Esses assuntos são dispostos com abordagem clara e didática, características universais do jornalismo, porque nascem e são formatados a partir de um grupo especializado no assunto.

[...] Tal cenário acabou por contribuir para uma questão fundamental, também discutida pelos autores jornalismo especializado, e que diz da especialização jornalística: menos uma questão de conteúdo ou de audiências, a especialização deve ser pensada também como ligada a uma nova metodologia do trabalho jornalístico, fundadora de novos produtos (no sentido de notícias e textos). (TAVARES. 2009, p.118)

É importante destacar que a especialização não é definida somente pela necessidade do público, mas também por uma necessidade produtiva dos próprios meios de comunicação.

3.1 Jornalismo Especializado e Saúde

O jornalismo especializado na área da saúde tem ganhado cada vez mais espaço na mídia, especialmente com a crescente busca por informações precisas e confiáveis sobre cuidados com a saúde e tratamentos médicos, principalmente, com o período de pandemia da COVID-19

A especialização nesse campo permite que os profissionais de jornalismo produzam conteúdos mais aprofundados e com embasamento científico, com método que informe o público de maneira clara e objetiva sobre questões de saúde.

Segundo Cavalcante (2015), o jornalismo especializado na saúde tem se tornado um importante instrumento para promover a saúde pública, esclarecer dúvidas e desmistificar crenças populares acerca de doenças e tratamentos médicos. Além disso, essa especialização permite uma maior aproximação entre a mídia, a comunidade médica e científica, fomentando o diálogo e a troca de informações entre essas áreas.

Outro ponto importante destacado por Vilar (2019) é a necessidade de uma abordagem ética e responsável por parte dos jornalistas que atuam na área da saúde. É fundamental que os profissionais busquem fontes confiáveis e atualizadas, verifiquem a veracidade das informações e evitem a disseminação de 'fake news' ou informações sensacionalistas que possam gerar pânico na população.

É importante destacar que o jornalismo especializado na área da saúde também pode contribuir para a promoção de políticas públicas voltadas para a saúde. Segundo Cavalcante (2015), a mídia pode ter um papel importante na cobertura de questões de saúde pública, como epidemias e campanhas de vacinação, contribuindo para a conscientização da população e a adoção de medidas preventivas.

O jornalista, por meio do jornalismo especializado, pode tratar a dependência química com uma abordagem informada, empática e baseada em evidências, trazendo em cena a função social da profissão, utilizando instrumentos disponíveis.

Como as reportagens investigativas, com pesquisas aprofundadas sobre o uso de substâncias químicas, suas consequências e os esforços para prevenir e tratar a dependência química. Envolvendo a análise de políticas públicas e opções disponíveis de tratamento.

É possível também, trazer à tona informações através de entrevistas com especialistas, como médicos, psicólogos, cientistas e pesquisadores, para obter informações atualizadas sobre a dependência química, as possibilidades e desafios que cercam a temática.

Além de trabalhar com relatos, compartilhando histórias de pessoas em processo de recuperação e relatos de sucesso, como forma de inspirar e conscientizar sobre a rotina do dependente químico.

4 ANÁLISE SOBRE RETRATO DA DEPENDÊNCIA QUÍMICA NAS MATÉRIAS IMPRESSAS DO JORNAL 'O GLOBO'

A metodologia adotada para este estudo consistiu em uma abordagem quantitativa. No primeiro momento, realizamos uma pesquisa de natureza quantitativa com o objetivo de identificar a quantidade de matérias que utilizam termos considerados pejorativos, como 'viciado' e 'drogado', em contraposição aos termos mais adequados, como 'dependente químico' e 'usuários'.

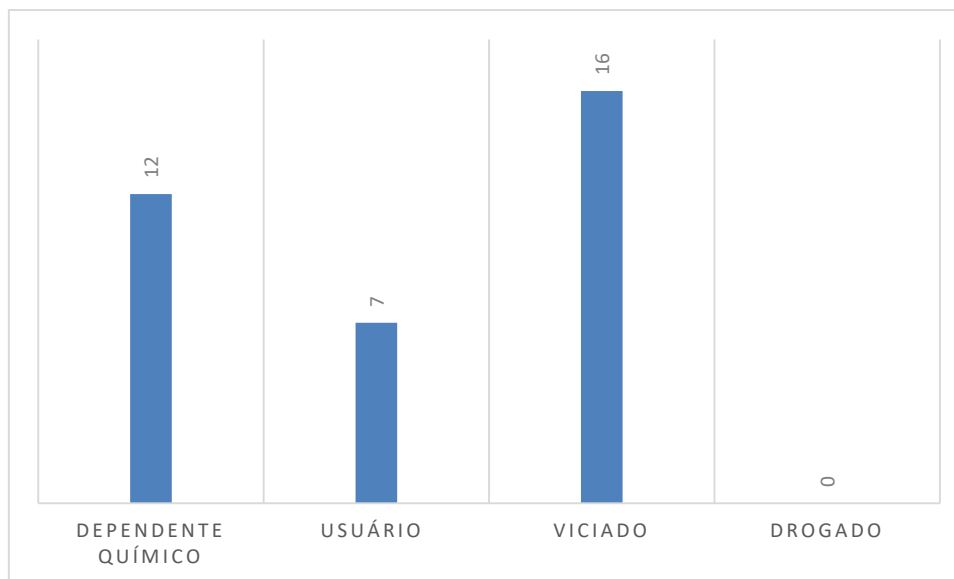
Além disso, levantamos o número de matérias que abordam a dependência química com o propósito social de fornecer informações relevantes. Também analisamos as editoriais em que essas matérias se enquadram.

Paralelamente, conduzimos uma pesquisa qualitativa por meio de uma análise exploratória, na qual examinamos e sistematizamos os dados encontrados.

O período selecionado para a pesquisa compreendeu o início do isolamento social devido à COVID-19 no Brasil em 19/03/2021 até o término da emergência sanitária global em 05/05/2023. Durante a pandemia, o jornalismo desempenhou um papel fundamental ao compartilhar informações atualizadas e verídicas sobre saúde, o que justifica a escolha desse período.

O jornal selecionado para a análise foi a edição impressa 'O Globo', devido à sua relevância e credibilidade no cenário jornalístico. As pesquisas foram realizadas na edição impressa disponível no Globo Digital.

Gráfico 1 – Termos pesquisados



Fonte: da autora, 2023

Para facilitar a compreensão dos dados, foi utilizado um gráfico que apresenta a frequência de quatro termos pesquisados: 'dependente químico', 'usuário', 'viciado' e 'drogado'.

O termo 'dependente químico' aparece em 12 (doze) ocasiões, distribuídas em 9 (nove) matérias; 'usuário' é mencionado em 7 (sete) ocasiões, em 3 (três) matérias; 'viciado' surge 16 (dezesesseis) vezes, abordado em 11 (onze) matérias; enquanto o termo 'drogado' não é referenciado em nenhuma das pesquisas realizadas. Alguns termos sistematizados aparecem na mesma matéria, por isso, em números absolutos, o total de matérias que abordam a temática são 13.

Ao longo do tempo, é possível observar uma evolução nos termos utilizados para descrever a dependência química, buscando constantemente reduzir estigmas e preconceitos associados a essa questão. O jornalista como um profissional dinâmico, precisa estar antenado com essas mudanças.

Existe uma função social do jornalista que ultrapassa a barreira apenas da informação, existe um compromisso ético. Através do gráfico, é possível identificar a presença de questões morais na escolha do termo 'viciado' por parte dos redatores, visto que em algumas matérias ele é utilizado de forma exclusiva, sem menção aos termos 'dependente químico' ou 'usuário'.

O jornalista, como formador de opinião, possui o compromisso de ser atualizado e abordar temas e informações que rompam estigmas e preconceitos. A escolha linguística pode reforçar estereótipos negativos e influenciar a percepção do leitor sobre o tema em questão.

A proposta da prática jornalística tem como foco central a contribuição social, uma vez que uma sociedade bem informada, tem maiores chances de alcançar o desenvolvimento. Nesse sentido, o jornalismo emprega uma linguagem estratégica para garantir que os leitores compreendam.

Os fatos jornalísticos, que são formas epistemológicas de organizar o mundo, reforçam contextos de modelos estabilizados e estereotipados, e, paradoxalmente, apresentam grande carga de indeterminação e ambigüidade nos relatos dos acontecimentos. Sua meta é conquistar as mentes e os corações dos leitores como co-produtores de sentidos. Com uma análise que arranca de dentro da lingüística, assume-se a teoria da indeterminação do significado como um aspecto intrínseco à linguagem e cuja determinação de sentido é fruto de uma construção interativa e discursiva da realidade. (SILVA, 2004, p.07)

O uso da terminologia adequada, no momento em que se faz a notícia, além de preservar a credibilidade da matéria e do veículo de comunicação, evita disseminar informações imprecisas ou sensacionalistas aos leitores.

O Código de Ética do jornalista (2007) estabelece princípios a serem seguidos pelos jornalistas, reforçando o compromisso com as produções que desenvolvem. O uso correto de termos além de atender às necessidades sociais dos profissionais, é uma previsão do próprio código de ética.

Para Karam (2004) “entre relevância do jornalismo e uma teoria que o situe como forma de conhecimento social está internalizada nos códigos. A proximidade deontológicos, éticos, de conduta, de honra da profissão.” (KARAM, 2004, p.90).

Para Karam (2004) o jornalismo é um campo singular e destaca a importância dos códigos de ética, que funcionam como um tipo de "controle de qualidade" realizado por aqueles que apuram informações ou estão imersos no mundo da mídia.

A Rede Internacional de Jornalistas (2022) tem problematizado sobre a importância de uma linguagem inclusiva e livre de estigmas na comunicação sobre condições de saúde.

Por exemplo, atualmente é estabelecido que não se apresenta pessoas que sofrem com alguma doença sexual transmissível, as DST's, tampouco utiliza termos estigmatizantes como 'aidético', mas não se tem o mesmo cuidado ao mencionar outras doenças, como diabético, hipertenso, usuários de drogas, etc.

O código de ética do jornalismo não trata especificamente da responsabilidade quanto as terminologias utilizadas em matérias jornalísticas, porém, ele estabelece diretrizes e condutas gerais que enfatizam o respeito, a imparcialidade e a responsabilidade social na comunicação jornalística.

De acordo com Deolindo (2013), a quarta versão do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, em vigor desde 2007, estabelece normas em cinco capítulos para orientar o exercício da profissão. Os dois primeiros artigos, que servem como base para todo o código, enfatizam o direito do cidadão à informação de relevância pública.

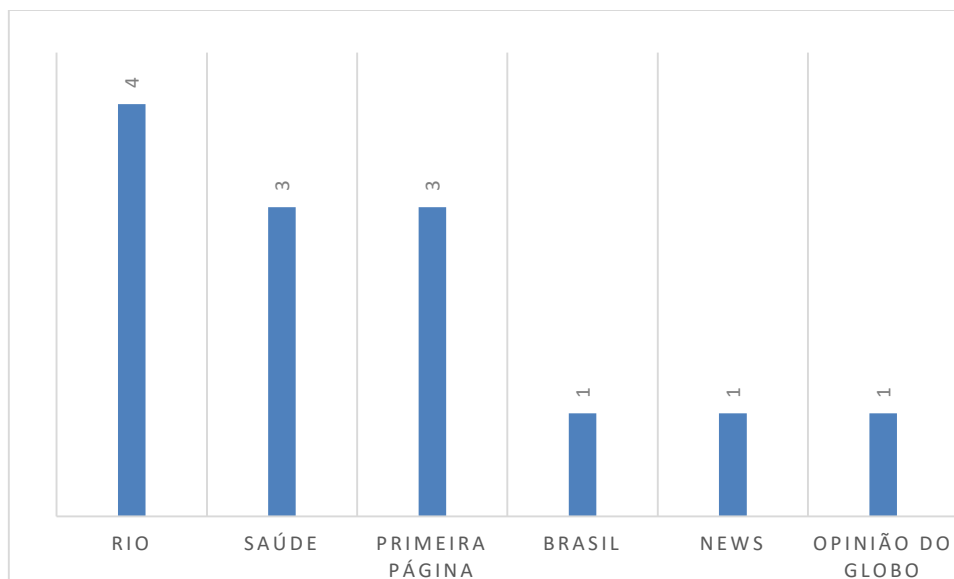
Capítulo I - Do direito à informação
Art. 1º O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros tem como base o direito fundamental do cidadão à informação, que abrange seu o direito de informar, de ser informado e de ter acesso à informação. (Código de Ética, 2007).

O Código de Ética do jornalismo estabelece princípios democráticos e do compromisso da profissão com a divulgação de informações de interesse público. Segundo Bucci (2000), o jornalista age com o propósito de fornecer uma informação precisa ao público, sem buscar outros resultados que não sejam esse.

Essa conduta ética está estabelecida nos princípios da profissão e deve ser seguida por aqueles que exercem a atividade jornalística, não apenas como uma escolha ideológica, mas como um requisito essencial à manutenção do campo social do jornalismo.

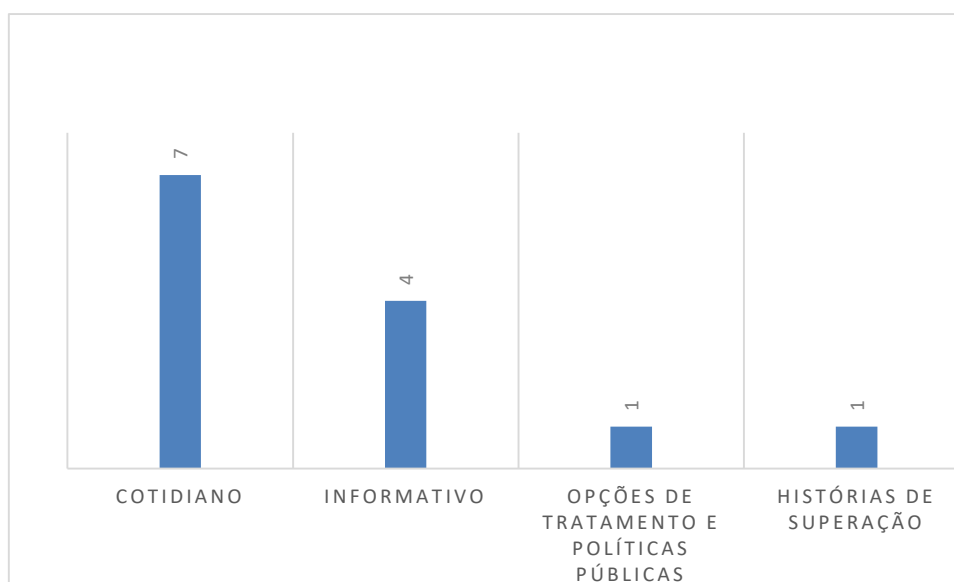
3.1 ENQUADRAMENTO DAS MATÉRIAS

Gráfico 2 – Editorias das matérias



Fonte: da autora, 2023

Gráfico 3 – Enquadramento



Fonte: da autora, 2023

As matérias impressas do jornal 'O Globo' são publicadas em diferentes editorias, conforme apresentado no gráfico 2. Dentre as editorias disponíveis, as matérias pesquisadas fazem parte da editoria Rio, saúde, primeira página, Brasil, news e opinião O Globo.

A editoria 'Rio' abrange matérias locais relacionadas ao Rio de Janeiro, e é onde a maioria das matérias sobre dependência é encontrada, com um total de quatro. A editoria 'saúde' abrange matérias relacionadas a essa temática, com um total de três matérias sobre dependência química.

A editoria 'Primeira Página' destaca as principais matérias do jornal impresso, e inclui três matérias sobre dependência química. Já a editoria 'Brasil' abrange matérias de repercussão nacional, onde foi encontrada uma matéria sobre o assunto. Na editoria 'news', que aborda assuntos em alta no momento, há uma matéria relacionada à dependência química. E na editoria 'opinião O Globo', também é apresentada uma matéria sobre o tema.

Ao analisar o conteúdo das matérias publicadas pelo jornal impresso 'O Globo' a partir dos termos supracitados, além de observar o reforço do preconceito nos termos empregados, é possível observar que o jornal tem cuidado com abordagem sensacionalista envolvendo o tema. Respeitando o Art.11, seção II do código de ética que prevê "O jornalista não pode divulgar informações: (...) de caráter mórbido, sensacionalista ou contrário aos valores humanos...", o princípio do respeito com os valores éticos é respeitado.

Essa abordagem responsável e ética é fundamental para preservar a qualidade e a credibilidade das notícias apresentadas. 'O Globo' se mostra em consonância com essa diretriz, estando atentos aos princípios éticos e comprometido em fornecer informações equilibradas, verificadas e relevantes ao seu público.

No entanto, ao realizar uma análise das editorias e enquadramentos utilizados para determinar os principais assuntos, verifica-se que, apesar do cuidado em evitar o sensacionalismo, há uma falta de abordagens mais relevantes em relação a informações sobre políticas públicas, tratamentos, histórias de superação.

Embora informações sobre tráfico de drogas e números da crackolândia possam ser importantes para a conscientização, é igualmente relevante destacar locais de tratamento, fornecer orientações sobre como identificar comportamentos relacionados ao uso de drogas, abordar aspectos do que é a doença e onde buscar ajuda diante dessas situações.

No Brasil, segundo dados da Organização Mundial da Saúde, cerca de 30 milhões de pessoas têm em suas famílias alguém que é dependente químico. Diante dessa realidade, todas as esferas da sociedade têm a responsabilidade moral de abordar o tema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No jornalismo, uma atitude responsável e ética na construção da notícia é importante para a qualidade e confiança das notícias publicadas. Este posicionamento reforça o papel da imprensa como servidora da sociedade, fornecendo informações relevantes para que o leitor possa formar sua própria opinião.

É evidente a relevância e a responsabilidade do jornalismo especializado em saúde ao abordar o tema de forma imparcial e ética, levando em consideração aspectos sociais e de saúde, e rompendo com estigmas e preconceitos morais.

A partir da pesquisa realizada o jornal impresso 'O Globo' demonstra o cuidado de evitar abordagens sensacionalistas, segue uma postura responsável e respeitosa ao abordar a temática da dependência química, mas isso não é o bastante se tratando de saúde e interesse social.

É fundamental que o jornalismo cumpra sua função social de informar, promovendo debate e contribuindo para minimizar estigmas e preconceitos associados à dependência química. A pesquisa aponta que algumas matérias analisadas ainda reforçam estereótipos, perpetuando narrativas negativas em relação aos dependentes químicos.

O uso de termos estigmatizantes ou pejorativos pode influenciar a percepção pública do problema, dificultando a compreensão e o apoio às políticas de prevenção e tratamento.

Com números tão expressivos no Brasil sobre pessoas que sofrem com o uso abusivo de drogas, todas as esferas da sociedade têm a responsabilidade moral de abordar o tema. Nesse contexto, qual é o papel do jornalismo na temática? Se um dos principais jornais do país, como 'O Globo', aborda tão pouco esse assunto, surge a indagação sobre a sua contribuição nesse contexto.

Os jornais têm o poder de influenciar e trazer à tona questões relevantes para a sociedade. o jornalismo pode e deve, cumprir seu papel de informar e orientar a população.

REFERÊNCIAS

AVELINO, Victor Pereira. **A evolução do consumo de drogas**. Revista Jus Navigandi, Teresina, ano 15, n. 2439, 6 mar. 2010.

CARVALHO, Carmen. **Segmentação do jornal, a história do suplemento como estratégia e mercado**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/5o-encontro-2007-1/Segmentacao%20do%20jornal-20a%20historia%20do%20suplemento.pdf>. 2007. Acesso em: 17 de abril de 2023

CAVALCANTE, L. R. **O jornalismo especializado em saúde**. Revista Eletrônica da Associação dos Pesquisadores em Comunicação e Saúde, n. 5, p. 44-59, 2015.

Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ). **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros** 1985-2007. Disponível em: [https://fenaj.org.br/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros-1985-2007/#:~:text=O%20jornalista%20deve%3A%20a\)%20Ouvir,mencionadas%20nas%20informa%C3%A7%C3%B5es%20que%20divulgar](https://fenaj.org.br/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros-1985-2007/#:~:text=O%20jornalista%20deve%3A%20a)%20Ouvir,mencionadas%20nas%20informa%C3%A7%C3%B5es%20que%20divulgar). Acesso em: 10 de junho de 2023.

Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). **Pandemia agravou situação de usuários de drogas no Brasil, diz Fiocruz**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-06/pandemia-agravou-situacao-de-usuarios-de-drogas-no-brasil-diz-fiocruz>. Acesso em: 24 de abril de 2023.

Instituto Internacional sobre drogas (NIDA). **Conceitos sobre a dependência química**, 2021.

KARAM, Francisco José Castilhos. **A Ética Jornalística e o Interesse Público**. São Paulo: Editora Summus, 274 p. 2004.

MINAYO, M. C. S. - **O Desafio do Conhecimento-Pesquisa Qualitativa em Saúde** São Paulo: Hucitec, 8ª edição, 269p, 2004.

Ministério da Justiça. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas – SENAD. **Prevenção ao uso indevido de drogas: Capacitação para Conselheiros e Lideranças Comunitárias**. 4. ed. Brasília, 2011.

Rede Internacional de Jornalistas **Importância da linguagem no jornalismo em saúde**. Disponível em: <https://ijnet.org/pt-br/story/import%C3%A2ncia-da-linguagem-no-jornalismo-em-sa%C3%BAde>. Acesso em: 10 de junho de 2023.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. **O Jornalismo Especializado e a especialização periodística** – Universidade do Vale do Rio dos Sinos. nº 5, p. 115-133, 2009.

Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). **Pandemia aumentou consumo de álcool em 75% no Brasil, aponta estudo.** Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/pandemia-aumentou-consumo-de-alcool-em-75-no-brasil-aponta-estudo/>. Acesso em: 24 de abril de 2023.

VILAR, M. J. **O jornalismo especializado em saúde: uma reflexão sobre a ética e a responsabilidade dos profissionais.** Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 42, n. 2, p. 155-170, 2019.